

# Países devedores dizem que não suportam novos ajustes

JOSÉ MEIRELLES PASSOS  
Correspondente

WASHINGTON — No mesmo momento em que os ministros de economia dos países ricos — o chamado Grupo dos Sete — se reunirem, esta manhã, numa fazenda que pertenceu a George Washington, nos arredores desta capital, para discutir a viabilidade de um novo plano para promover a redução da dívida dos países em desenvolvimento, os ministros destas Nações endividadadas — o Grupo dos 24 — divulgarão, na sede do Fundo Monetário Internacional, um documento de 27 páginas informando que já não suportam a espera de uma solução realista para a crise da dívida, e que também já estão saturados de cumprir exigências sem verem qualquer compensação.

“Devido ao nível de expectativas criado pelo novo enfoque (para a crise da dívida), a falta de um progresso imediato — e a desilusão que isso causaria — é um perigo que deveria

ser evitado tanto pelos devedores quanto pelos credores”, diz um trecho do texto, cuja cópia foi obtida ontem pelo GLOBO.

Nesse documento eles afirmam que já fizeram os sacrifícios necessários, exigidos pelos credores. E dizem que, apesar disso, sua situação financeira não melhorou. “Deve-se ter sempre em mente que um ajuste estrutural não pode ser mantido, política e socialmente, no contexto de um pequeno crescimento ou de nenhum crescimento”, alegam os ministros devedores. Eles dizem que seus esforços são infrutíferos devido a um motivo básico: falta de apoio financeiro dos próprios credores. “Está se tornando cada vez mais difícil manter programas de ajustes orientados para o crescimento, quando a disponibilidade de recursos externos é inadequada”, comentam. “A experiência dos últimos sete anos indica claramente que um ajuste numa situação de sub-financiamento e diante de adversas condições finan-

ceiras e comerciais não é apenas insustentável, como também gera problemas sociais e políticos que minam o próprio processo de ajuste”, diz um trecho na página 15 do documento.

Por isso, os devedores acham que agora chegou a vez dos países industrializados cumprirem a sua parte. E, portanto, eles pedirão hoje tanto ao FMI quanto ao Banco Mundial que exijam dos credores que façam todos os esforços para adotar as medidas necessárias para implementar ajustes em suas próprias economias. Os devedores dão inclusive um prazo para que isso seja feito: “Queremos que os relatórios a serem preparados pelo Bird e pelo FMI para a sua próxima reunião (setembro) inclua uma análise detalhada de tal ajuste nos países industriais e de seus efeitos na sustentação dos ajustes feitos nos países em desenvolvimento”, diz o documento.

Ao ilustrar a falta de apoio efetivo, os ministros dos países endividados lembram que os novos empréstimos

concedidos no ano passado aconteceram apenas para que se regularizasse os pagamentos dos juros devidos — como no caso do Brasil.

Em sua opinião, o convite de governos credores e banqueiros para a adoção de “soluções voluntárias de mercado”, sem mecanismos claros e incentivos, é na verdade “um convite aos bancos para que continuem a expressar a sua inabilidade e indisposição de aumentar os empréstimos”, comentam os endividados.

Eles registram que os fluxos líquidos dos bancos comerciais — ou seja, a relação entre os novos empréstimos e o que os países pagaram — caíram de um total de US\$ 36,5 bilhões em 1982 para US\$ 2,4 bilhões em 1987, e daí despencaram para menos US\$ 11,8 bilhões em 1988. Um dos resultados práticos da falta de financiamentos é que o Produto Interno Bruto dos 17 países mais endividados cresceu apenas 1,8% no ano passado — o índice mais baixo desde 1983, início da crise da dívida.